

Nenhum jovem acredita que um dia irá morrer. Isto era um dito do meu irmão, e bastante bom. Há na juventude um sentimento de eternidade que nos indemniza de tudo. Ser jovem é ser como um dos Deuses Imortais. Metade do nosso tempo já passou, mas a outra metade temo-la ainda de reserva, com todos os seus incontáveis tesouros, pois não há nenhuma linha traçada, e não vemos limites para os nossos desejos e esperanças. Fazemos nosso o porvir:

“A vasta, ilimitada perspectiva estende-se diante de nós.”¹

Morte, velhice, são palavras sem significado, que passam por nós como o ar indolente, de que não fa-

zemos caso. Outros podem ter vivido tais coisas, ou estar ainda sujeitos a elas, mas nós “levamos uma vida encantada”, que ri desdenhosamente de todas essas insalubres fantasias. Tal como à partida para uma deleitosa viagem alongamos a vista, impacientes,

“saudando as doces paisagens ao longe”²,

e não vemos fim para o panorama, com novos objetos a apresentarem-se aos nossos olhos à medida que avançamos, também no início da vida não estabelecemos limites às nossas inclinações, nem às irrestritas oportunidades de as satisfazer. Ainda não topámos com nenhum obstáculo, nenhuma predisposição para desanimar, e parece-nos que podemos continuar assim para todo o sempre. Olhamos à nossa volta um mundo novo, pleno de vida, de movimento e de incessante progresso, e sentimos em nós mesmos todo o vigor e alento necessários para acompanhar esse ritmo, sem que nenhum sinal presente nos faça prever que iremos ser deixados para trás no curso natural das coisas, que iremos

declinar até à velhice e tombar na sepultura. É a simplicidade e o caráter *abstrato* dos nossos sentimentos juvenis o que nos leva, por assim dizer, a identificarmo-nos com a natureza e a iludirmo-nos — sendo escassa a nossa experiência e fortes as nossas paixões — com a crença de que somos, como ela, imortais. Ingenuamente, queremos acreditar que a nossa curta ligação com a existência é uma união indissolúvel e duradoura — uma lua de mel que desconhece a frialdade, a discórdia ou a separação. Como bebês que dormem, sorridentes, somos embalados no berço das nossas caprichosas fantasias e aquietados numa sensação de segurança pelo estrondo do universo à nossa volta. Com apressada ânsia, bebemos do cálice da vida e este, em vez de se esvaziar, transborda ainda mais; os objetos acumulam-se à nossa volta, e o nosso espírito enche-se com a sua magnitude e com a multidão de desejos que os acompanham, pelo que não há lugar para pensarmos na morte. A partir dessa plenitude do nosso ser, não podemos mudar-nos de repente em pó e cinzas, não podemos imaginar “este cálido, sensível movimento

transformado em terra pisada”³ — estamos demasiado ofuscados pelo brilho do sonho acordado à nossa volta para poder olhar a escuridão do túmulo. Não vemos mais o nosso fim do que vimos o nosso começo: um perde-se no esquecimento e no vazio, enquanto o outro nos é ocultado pela multitude e precipitação dos acontecimentos que se avizinham. Vemos pairar no horizonte a sinistra sombra que estamos condenados a jamais alcançar, e cujo derradeiro limite, ténue e cintilante, toca o Céu e nos translada às alturas! De resto, o domínio que a vida exerce sobre nós jamais permitiria que desviássemos os nossos pensamentos dos objetos e propósitos que temos diante dos olhos, mesmo que quiséssemos. O que há de mais contrário à saúde do que a doença, ou à força e à beleza do que a decadência e a dissolução, ou à busca ativa do conhecimento do que o simples olvido? Se não contamos com os habituais recursos para barrar a aproximação da Morte e zombar das suas vãs ameaças, a Esperança ocupa tal lugar e corre um véu sobre o abrupto fim de todos os projetos que acalentámos. Enquanto o

espírito da juventude permanece incólume, antes de termos “bebido o vinho da vida”, somos como pessoas embriagadas ou febris, conduzidas pela violência das suas próprias sensações. Só quando os objetos presentes começam a tornar-se tediosos aos nossos sentidos, quando nos vimos defraudados nos nossos intentos prediletos e apartados dos nossos laços mais próximos, é que a paixão afrouxa o seu domínio sobre o nosso peito e nos afastamos aos poucos do mundo, permitindo-nos contemplar, “como num espelho, de maneira confusa”⁴, a possibilidade de dele nos separarmos para sempre. O exemplo dos demais, a voz da experiência, não têm qualquer efeito sobre nós. Fatalidades que devemos evitar: os lentos e deliberados avanços da idade com que podemos *brincar às escondidas*. Achamos que somos demasiado vigorosos e velozes para que aquela velha decrépita e de olhos turvos nos apanhe. Tal como a tonta e gorda criada de *Tristram Shandy*, de Sterne, quando ouve dizer que o seu amo morreu, a única coisa que pensamos é: “Pois eu não!” A ideia da morte, longe de abalar a